



No olhar da imagem

Carlos Alberto Murad

Discute a importância e natureza do imaginal lumínico, nos processos criadores baseados na Fotografia. Especialmente no valor da imagem-fotogenia ligada à transmutação fogo-luz. O tema é tratado na perspectiva da filosofia da imagem de Gaston Bachelard.

Fotográfico, Bachelard, imagem, Appelt, imaginação poética.

L'oeil, à lui seul, n'est-il pas une beauté lumineuse?

Bachelard

Este artigo discute a importância do imaginal lumínico nos processos criadores envolvendo a apropriação do sistema Fotografia¹ por fotógrafos e artistas. Falamos especialmente da dinamização na imaginação criadora dos fenômenos ligados à metamorfose fogo-luz substancializando impulsões imaginais numa *imagem-fotogenia*.² Esta constituiria um conjunto indiferenciado de indutores germinais nas estratégias e processos criadores da Arte, baseados no fotográfico. Partimos da idéia de que a opção criadora pela Fotografia, entre outros fatores, vem marcada pela mutação poética do instante lumínico e olhar.

Nossa discussão desenvolve-se num contexto artístico marcado pela desvinculação da experiência sensível com o processo criador na arte e na criação científica, conforme apontado por Danto³ e por Bachelard.⁴ Ou seja, o (descontínuo) devir da arte inserido na descontinuidade plural que Danto compreende como pós-histórica. Ainda somos favorecidos por essa abertura intensiva da

Fotografia para a abstração, o que vem contribuir para o esfacelamento dos sentidos de realidade e des-objetivação da sua fluida memória documental, naquilo que propicia um aprofundamento da superfície, apontado por Rouillé.⁵

Os temas do imaginal lumínico, especialmente a dimensão poética da imagem-fotogenia, serão compreendidos e tratados a partir da dinamização dos devaneios poéticos do cristalino e da chama criadora. A abordagem das poéticas da imagem de Bachelard,⁶ devido a seu caráter trans-histórico, fundamentada nos atributos de descontinuidade, variabilidade e metamorfose da imaginação criadora, constitui instrumento conceitual para tratar tanto a dimensão poética germinal da imagem-fotogenia como as rupturas e permeabilidades criadoras entre diferentes poéticas visuais. Compreender a dinâmica metamórfica e informe da imagem poética na gênese dos trabalhos artísticos constituía o eixo desta reflexão filosófica. Seu pensamento operava a partir da cogitação de-

Dietter Appelt

Auto-retrato

Fonte das imagens: Cabinet des
estampes - Bibliothèque
Nationale de Paris

vaneante na repercussão das imagens poéticas, compreendidas e tratadas pela consciência imaginante como “conceitos imagéticos”.⁷ A imagem poética, de natureza imemorial, não se confundiria com instantâneos visuais ou aparições figurais em nossa interioridade, já que não se origina da percepção ocular ou de nossa iconografia memorial. Constituindo uma dinâmica de virtualidades imaginais e não a síntese de atributos visuais, a imagem poética tem o sentido de “*élans* imagéticos”.⁸ Estes irrompem como espontâneas orientações germinais, potentes na razão imprevisível dos devires e dinamizadoras de nossa ontologia nesse transitório não-lugar de um dinamismo originante.

Pensar no interior do devir da imagem poética significa não pensar com as representações racionais e, sim, atuar na instância da imprevisibilidade de um ante-pensamento e pré-percepção, campo privilegiado dos devaneios criadores operantes.⁹ É nesse não-lugar transicional que ocorre a apreensão-cogitação dos *élans* imagéticos. O fato de nossa consciência permanecer ativa e ativante durante a evasão imaginante do devaneio nos faz operantes com as ideações imagéticas; entramos em estado de consciência estelar e multipolar no devir imagem-pensamento. Numa ontologia direta, ativamos uma consciência indireta, participamos no devir imagem-conceito poético, alcançamos a inteligência de uma lógica imagética.

O cristal nos olhos

O Olhar, tal o espelho que faz Ver, brilha
Bachelard

Infinitos mundos dinamizam-se no imenso instante de um germe de cristal do Aleph de Borges,¹⁰ na poética do cristal de Bachelard,¹¹ nos “cristais do tempo” de Deleuze.¹² Mesmo por vias e tratamentos

distintos, a intuição poética, o pensamento da imagem poética e do plano de imanência, aproximam-se na compreensão da coalescência dos potenciais tempo-espaciais da luz. Artistas, poetas, filósofos são tocados silenciosamente pelos milênios e milênios da luz pulsantes em sua imaginação, mais precisamente aquelas oriundas da fascinação de uma foto-gênese. Em especial, os criadores visuais, devido a sua condição de ativadores ou co-operadores no visível – entre eles, os que utilizam a Fotografia em seus projetos artísticos – são duplamente permeados pelas impulsões imemoriais ligadas à ontogênese da luz e pela rerepresentação na memória das luzes cristalizadas nas imagens *fotografadas*.¹³ Eles parecem obedecer a uma orientação comum: vivem a retina e a visão como extensão germinal e originante. Estamos falando de uma ante-visão, de uma apreensão pela imaginação antes mesmo que o sistema ocular opere e constitua perceptos, mesmo que eles nos criem a ilusão de inaugurar a representação da coisa.

Escapamos da memória ocular para falar de um retorno imemorial, desse encontro de Borges, “um assombro antigo” no contemplar as luzes do fogo,¹⁴ nesta mesma “admiração inata” originada além da consciência pessoal “no passado dos primeiros fogos do mundo”, essas primeiras chamas que iluminam, confirmam, para Bachelard,¹⁵ a associação imaginal da chama com o olhar. Um fogo latente perdido no imemorial da imaginação ou a imagem flamejante de um lumínico primordial fundando nosso olhar? Primeiras chamas que abrem os primeiros olhares das imagens primordiais, testemunhas em nossa imaginação dos potenciais de transmutação da passagem fogo-luz no devir da imagem. Uma transmutação que Bachelard¹⁶ encontra na imagem poética da fênix, “um arquétipo da imaginação do fogo”, esse animal

inexistente, pura imagem imaginal que expressa a impulsão poética, a irrupção instântanea da luz criadora na imaginação humana. Os processos criadores que se desenvolvem a partir do sistema Fotografia parecem retomar essa fascinação imemorial pelo fogo na *imageação* da luz.

Acreditamos que os processos criadores se dariam na dinamização dessa matéria poética foto-primordial, constituída do que chamamos, por razões de método, de imagem-fotogenia. Ela se substancializa como emanações de uma inconsciência do luminoso e da tatilidade do olhar, participando na ativação dos potenciais poéticos de um tempo-espacialização do olhar. Constitui uma

geminal provocação de natureza *olhiciadora*, permeada pelos valores imaginais da luz: brilhar, luzir, luminar, iluminar, elucidar, transparecer, transluzir, entre outros. Trata-se aqui de potenciais poéticos desveladores de uma fotofilia fantasmática, agenciados e latentes na imagem fotográfica, possuidores da condição originante e mediadora típica do *mundus imaginalis*.¹⁷

O que vivenciamos nesse devir do imaginal lumínico em imagens no mundo é resultante de uma dinamização primordial da consciência pelos *élans* imagéticos, uma dinamização que nos abre, segundo Bachelard,¹⁸ uma "esfera de sublimação pura, de uma sublimação que nada sublima, que é

Dietter Appelt
Unter dem
Dornbusch, 1979



liberada da carga de paixões, liberada das impulsões dos desejos...". O que afirma a desvinculação causal da imagem poética, seja com a memória do mundo ou mesmo de um inconsciente pessoal, aquela tem seu aparecer, num espaço adimensional, num tempo suspenso, no absoluto da sublimação. Tal uma evasão no infinito azul do céu, onde "tocamos essa matéria não dimensional",¹⁹ experimentamos os limites da tentação "de viver o humano, mais que humano, dessa impulsão na direção de um mais que Ser".²⁰ Experimentamos no movimento dessa evasão sublimadora na luz do céu azul a imersão num "espelho sem estanho", na pura matéria *olhante*, aquela que reencontramos na fascinação poética do fotográfico. Na dimensão imaginal da luz, pelo viés do fotográfico, a ontologia do olhar criador encontra a germinação primordial dessa singular "vontade de lucidez" da imagem cristalina apontada por Bachelard²¹ na reflexão dos devaneios poéticos, nas luzes sólidas do cristalino e nas luzes fluidas do estelar. Estamos em presença de uma fascinação lumínica onde densidade, cristalização e lucidez permutam valores imaginais na busca da criação.

O filósofo trata a dinâmica fotogênica presente na permuta de valores entre as provocações substanciais – brilhar-endurecer, condensar-purificar –, nos apontando os valores da síntese imaginária da imobilidade e da fluidez. Marca o sentido instantâneo da mutuação entre o flamejante e o lumínico, qual a imagem poética da fênix "fogo voador, flor de fogo, vivendo no clarão da imaginação".²² A iluminação imagética em nossa consciência ou a dinamização poética da luz no fotográfico encontram na unidade primordial fogo-luz as provocações germinais da imagem-fotogenia.

O olhar foto-primordial é um devir-imagem

*Se me contemplo
tantas me vejo,
que não entendo
Quem sou, no tempo
do pensamento.*
Cecília Meirelles

Quando folheamos fotografias com os olhos, ziguezagueando na extensão luminosa das imagens, supomos encontrar uma trama de memórias, fragmentos dissimulados, latentes ou visíveis, de coisas e lugares. Devido à lógica tecno-representacional do sistema Fotografia, pensamos logo em referências concretas do mundo que podemos identificar – ilusão que se constrói em nossa consciência como plena de veracidade, nos fazendo associar semelhanças provisórias a certezas definitivas.

Nesse tecido fluido de personagens e aparências memoriais, pensamos encontrar, nítida e dominante, a subjetividade do fotógrafo. Essa é uma realidade espectral tanto como acreditar que a imagem fotográfica contém um tempo fixado ou um mundo interrompido. Trata-se apenas de mais uma miragem, mas não seria a criação de miragens luminosas a razão ontológica que move a fotografia? A criação de novas e poéticas realidades num tempo luminal? Na dimensão poética da imagem fotográfica pulsam apenas os traços deste tempo luminal, somos partícipes de uma *foto-gênese* que nos coloca em face do devir imagem do olhar. Nossa apreensão ignora a linearidade da visão, somos um olhar, tal uma envolvente curvilínea, que adentra a extensão poética. Tocar com os olhos ou perpassar a luz, sen-

tir o toque mínimo da imagem espelhar são gestos que se confundem na fascinação original das primeiras luzes e olhares no mundo.

Trata-se de tatilidade que nega a incisão digital ou a operativa ocularidade dos olhos e que parece privilegiar esse minimal da imagem. Essa quase-imagem ausente, reflexo sem imagem, que faz o mistério da decifração do espelho na intuição de Clarice Lispector:²³ “conseguir vê-lo sem se ver, caminhar dentro de seu espaço transparente sem deixar nele vestígio”. Ou dessa “dissolução do ser *voyant* no tempo do olhar” que nos ensina Didi-Huberman.²⁴ O que poderia nos ensinar essa imersão além dos olhos, esse não mirar figura, na profundidade luminosa? Talvez o surpreender-se tal um caçador de relâmpagos, como Cildo Meirelles perseguindo um indefinido nas oscilações veladoras e desveladoras do aparecer das coisas.

Revivemos, na ação plasmadora do olhar que criou a imagem fotográfica, o paradoxo de reconhecer objetos do mundo coexistentes com a irrealidade de sua transmutação imaginal. E será essa realidade imaginal, passando o criador e a obra, ao mesmo tempo vinda de fora e de dentro, que nos irá desvelar uma antevisão do olhar. Não mais vemos com os olhos, já nos perdemos na evasão poética da imagem fotográfica, obliteramos suas luminosidades, as luzes perderam destino e razão. Apenas fluem dominantes as cintilações de uma cristalina imagem-olhar, as germinações imaginais da imagem-fotogenia no devir poético do fotográfico.

Como pragmaticamente prefere Richter, apreender o fotográfico tal uma natureza imaginal: “fotografias são quase natureza”,²⁵ uma cósmica presença poética numa obra

pictórica cujo “problema central é a luz”.²⁶ Afirma a potência imaterial da luz mesmo pretextando a superação da ilusória transparência do fotográfico: “eu não estou produzindo pinturas que lembram a você uma fotografia, mas produzindo fotografias”.²⁷

Em outra estratégia criadora, Jeff Wall²⁸ resalta o potencial da fotografia como a natureza de “um interespaço entre as coisas”, a passagem de um lumínico para uma realidade de outra. Especialmente na concepção iluminadora de suas imagens, Wall cria projetos fotográficos se apropriando, “como uma espécie de cristal”,²⁹ das emanações lumínicas na pintura de Delacroix (*The Death of Sardanapalus*) reencontrando aqui esse “cristal de tempo”.³⁰

Fiel a uma cosmicidade imemorial das primeiras luzes, Hiroshi Sugimoto desenvolve em sua série *Seascapes* (1980) estratégia criadora em que seu pensamento se ilumina tendo como pretexto as provocações imaginais da visão imemorial “da mais antiga impressão humana”.³¹ Busca imagens da linha do horizonte separando em partes iguais mar e céu, a imensidão do mar sem objetos, um infinito céu sem figuras, em exacerbada ausência deste mundo, em que a “linha do horizonte separa o mundo interior do mundo exterior”.³² Luzes de um longínquo tempo que se imbricam em luzes íntimas. Imaginar a linha do olhar na infinitude de um mundo sem formas nos informa sobre uma geopoética de um *mundus imaginalis* da luz. Pelo olhar criador de Sugimoto, temos a lúcida suspeita de que a imagem-fotogenia é potencial de uma profundidade buscando densidade.

Outra explicitação da ação poética da imagem-fotogenia se apresenta na discussão das autofigurações de alguns fotógrafos. Trata-

se de oportunidade de explicitação de nuances do pensamento foto-poético, no próprio interior da ação criadora. O auto-retrato fotográfico não mostra apenas os olhos em cena; apresenta um olhar foto-poético ativado pelas impulsões da imagem-fotogenia em sua movimentação imaginal de profundidade espelhar. Funda uma ontologia foto-poética e desvela o pensamento criador nessa ambivalência do “visto e vendo”.³³

No seu auto-retrato,³⁴ Dieter Appelt utiliza sua face refletida esfumada por sua expiração no espelho. Appelt esconde a face no embaçado do espelho e se mostra constituinte em difusão e reflexo. Pensa ele que a busca plena da imagem pode ser uma contingência do indefinido? O fotógrafo narra sua estratégia: “instalei a câmera fotográfica diante do espelho. Com minha expiração, eu tento embaçar, sutilmente, uma frágil densidade (...) a expirar mais forte e ao mesmo tempo manter uma respiração calma.”³⁵ O fotógrafo procura indício esfumado tão leve, que lhe permita imprimir sem deixar traços. Ao soprar o ar na profundidade luminosa do cristalino, deseja ativar as luzes prisioneiras na solidez do espelho. Uma expiração no vidro, gesto emblemático, oscilante entre o velar e o desvelar, mas que não nos fala da morte; ao contrário, nessa condensação instantânea pulsa vivente o poético cristalino dessa imagem fotográfica. Ele busca com o olhar inscrever no mínimo, alcançar o *minimal* do verbo figurar. Procurar e encontrar o sopro, na justa medida, para inscrever esses *élans* da imagem-fotogenia que animam sua íntima face. Esse gesto primeiro de esfumar o mundo visa buscar o germe lumínico contido nesse sopro vital, nos colocar na busca de um originário, dessa visão primeira da face do mundo. Para essa ontologia criadora o devaneio do expirar na luz abre linhas de força no fluxo imaginal do lumínico, no movimento originário de um poético lumínico se constituindo.

Appelt demarca um sopro-espaco, que se para a face de seu reflexo, afirma um entre-espaco de seu olhar, um *entre* que propicia abertura para além das emanações fugidias, das aparências voláteis do real. Ele evade seu olhar nessa profundidade expirante, busca nesse sopro longínquo, mais do que sua presença, as vivências milenares do (seu) olhar.

Finalmente, onde vivem as luzes milenares do olhar? Numa intuição primeira arriscamos passar pelos traços desse tempo luminal, realidade fugidia que inaugura continuamente nosso olhar, tal personagens de uma *fotogênese*. Tentei aproximar-me desse sentido indiferenciado da imagem-fotogenia, todos sabemos da dificuldade de detalhar essa vida imaterialidade; vou interromper este artigo com uma desconstrução imprudente a partir do poema “Os Acrobatas”, de Vinicius de Moraes:³⁶

Subamos! (...) Através de milênios de luz, pela corda luminosa (...) que pende invisível e cujos nós são astros (...) do grande mar de estrelas onde dorme a noite (...) Lá onde o infinito, de tão infinito, nem mais nome tem.

Carlos Alberto Murad é professor titular da UFRJ atua na linha de pesquisa Poéticas interdisciplinares do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (EBA/UFRJ). Doutorado em Esthétique et Sciences de l’Art pela Universidade de Paris I e pós-doutorado com pesquisa no campo da Filosofia da imagem e criação fotográfica pela Universidade de Paris Sorbonne, pesquisa a imagem fotopoética e sua interface com outras poéticas visuais.

Notas

- 1 Todo o conjunto constituído pelo sistema técnico, imagens e material da Fotografia.
- 2 Estamos tratando aqui de potenciais de uma *fotogenia* primordial, ligada aos fenômenos poéticos da gênese da luz, e a palavra imagem tem o sentido nesta abordagem de virtualidade imaginal e não uma representação figurar. Ver Danto, Arthur. *L’art contemporain et la clôture de l’histoire*. Paris: Seuil, 2000.

- 3 Id., *ibid.*
- 4 Bachelard, Gaston. *Le nouvel esprit scientifique*. Paris: PUF, 1934.
- 5 Rouillé, André. *La photographie*. Paris: Ed. Gallimard, 2005.
- 6 Bachelard, Gaston. *La poétique de la rêverie*. Paris: PUF, 1960; _____, *La poétique de l'espace*. Paris: PUF, 1957; _____, *La flamme de la chandelle*. Paris: PUF, 1961; _____, *Les fragments d'une poétique du feu*. Paris: PUF, 1988.
- 7 Bachelard, Gaston. *L'eau et les rêves*. Paris: José Corti, 1942: 69.
- 8 Murad, Carlos A. *Landscape lights: time and space in the photographic creation. Art and landscape*. Athens: Michelis Foundation, 2001. Devido a essa condição e atuando no campo das Artes Visuais é que preferimos essa expressão, para escapar das vinculações representacionais que a palavra imagem tem com a visualidade. A formulação bachelardiana da "imagem poética" foi criada na investigação da literatura poética, imune a vinculações diretas com a imagem visual.
- 9 *Ouvrante*; trata-se da distinção de um devaneio que participa/engaja-se na criação, distinto do devaneio "perdido", "sem objetivo" (*rêvasserie*).
- 10 Borges, Jorge Luis (1949). *O Aleph, Obras Completas*, vol I. São Paulo: Ed. Globo, 1998.
- 11 Bachelard, Gaston. *La terre et les rêveries de la volonté*. Paris: José Corti, 1947.
- 12 Deleuze, Giles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- 13 O conjunto de imagens fotográficas, videográficas ou filmicas geradas a partir da intermediação óptica da reflexão ou emissão luminosa.
- 14 Borges, Jorge Luis [1964]. *O outro, o mesmo. Obras completas*, v. 2. São Paulo: Ed. Globo, 2004: 337.
- 15 Bachelard, 1961, op. cit.: 3.
- 16 Bachelard, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990: 78.
- 17 Corbin, Henry. *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn Arabi*. Paris: Aubier, 2000.
- 18 Bachelard, 1957, op. cit.: 12.
- 19 Bachelard, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1943: 15.
- 20 Bachelard, 1988, op. cit.: 116.
- 21 Bachelard, 1943, op. cit.: 195 e _____, 1947, op. cit.
- 22 Bachelard, 1990, op. cit.: 57.
- 23 Lispector, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999: 13.
- 24 Didi-Huberman, Georges. *Phasmes*. Paris: Editions Minuit, 1998: 54.
- 25 Richter, Gerhard. *Writings 1962-1993*. Cambridge: MIT Press, 2002: 187.
- 26 Id., *ibid.*: 39.
- 27 Id., *ibid.*: 73.
- 28 Tumlir, Jan. Jeff Wall: Interview. *ArtForum*. 3, 2001: 249.
- 29 Wall, Jeff. *Selected essays and interviews*. Nova York: MoMa, 2007: 187.
- 30 Deleuze, op. cit.: 103.
- 31 Company, David. *Art and photography*. London: Phaidon, 2004: 285.
- 32 Sugimoto in Garrel, Thierry (ed.). *Contacts. 1, 2, 3 The world's greatest photographers reveal the secrets behind their images*. Paris: Arte France- CNP, DVD 2000.
- 33 Bachelard, 1942, op. cit.: 42.
- 34 *Autoportrait*. 1978 in Cabinet des Estampes, Bibliothèque Nationale de Paris EP 1306 fol, nº1.
- 35 Dieter Appelt, op.cit.: 13.
- 36 Moraes, Vinicius. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1998.